

FUNARI, Raquel dos Santos. *Imagens do Egito Antigo: um estudo de representações históricas*. São Paulo: Annablume, 2006. 107 páginas.

Sandra C. A. Pelegrini¹

Ao repensar suas próprias práticas cotidianas em sala de aula, a experiente pesquisadora e professora Raquel dos Santos Funari divide com seus interlocutores a percepção de quão dinâmica é a História – característica que faz desse volume uma leitura imprescindível para aqueles que se dedicam às atividades docentes em diversos níveis de ensino, mas, em particular, para os que enveredam pelos reptos do Ensino Fundamental. Intrigada com o impacto que as pinturas egípcias, imagens de faraós, sarcófagos, escaravinhos e múmias, difundidas pela mídia em geral, mas, principalmente pelas produções cinematográficas, gera no imaginário de muitos pré-adolescentes, a autora se propõe a investigar como se propagou o fenômeno denominado “Egiptomania” entre eles. Para tanto, procura apreender como os estudantes brasileiros, em distintas fases de aprendizado, assimilam os conhecimentos sobre o Egito Antigo dentro e fora da sala de aula.

Previsto nos programas pedagógicos devotados aos estudos da Antiguidade no Ensino Fundamental, Médio e Universitário (inclusive em cursos de pós-graduação), o tema dá vazão às fantasias de crianças, jovens e adultos. Alimentadas no imaginário social ocidental, as lendárias produções pictóricas da civilização egípcia narram as “façanhas heróicas” desse povo e adquirem uma dimensão incomensurável, aguçando a curiosidade de muitas pessoas em distintos espaços e temporalidades. Desde longa data, assegura a autora, artistas, intelectuais, aristocratas e imperadores se interessaram em

¹ Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em História Social pela FFLCH-USP e pós-doutora pelo NEE/UNICAMP. E-mail: spelegrini@wnet.com.br .

desvendar os mistérios construtivos das pirâmides, os conhecimentos astronômicos e geográficos, as formas de lavradio, as artes e ofícios desenvolvidos no Egito.

Os usos, costumes, mitos e simbologias dessa civilização chegaram a ser alvo dos doze volumes “Description de l’Egypte” (1812), publicação francesa que desencadeou uma licenciosa onda de colecionismo. Do ponto de vista de Santos Funari, esta última culminou com a criação de seções especiais nos museus em vários países da Europa e também nos Estados Unidos, e ainda corroborou para o crescimento da produção científica, de expedições àquela região. No Brasil a egiptologia data de 1871, marco dos estudos sobre essa cultura desenvolvidos por D. Pedro II, um pioneiro de atividades turísticas no Egito. Contudo, sabe-se que três décadas antes, seu progenitor D. Pedro I já havia reunido um significativo acervo de peças oriundas desse país.

Certo é que a descoberta dos tesouros mortuários do Faraó Tutankhamon revigorou as diligências em torno do assunto e até suscitou uma onda de apropriação de elementos simbólicos egípcios, tomados no século XX como referência para partidos arquitetônicos utilizados na construção civil e para a confecção de artefatos em ouro ou prata. Apesar dessa particularidade e de outros exotismos, frequentemente detectados na literatura devotada aos estudos sobre a civilização egípcia, o presente volume recusa a simples descrição das imagens do Egito Antigo e busca investigar de que modo determinadas práticas sociais são construídas, apropriadas e extrapolam os universos culturais nos quais surgiram. Dessa maneira, apresenta uma pesquisa cujo resultado estimula o desenvolvimento de projetos didático-pedagógicos transdisciplinares e oferece subsídios para que os educadores possam desenvolver a inventividade e o espírito crítico de seus alunos.

Para tanto, no primeiro dos três capítulos desse livro, Raquel dos Santos Funari tende a palmilhar o interesse pelo Egito faraônico da Antiguidade à Modernidade. Ao transitar pelas excentricidades que o tema suscita entre especialistas e leigos, a autora ora busca pontuar as suas repercussões no âmbito

das conquistas imperialistas desencadeadas a partir das décadas finais do século XVIII, ora discute as acepções de “egiptofilia”, “egiptomania” e “egiptologia”.

No capítulo intermediário, a autora anuncia a metodologia aplicada na sua pesquisa e ocupa-se das representações históricas referentes ao Egito Antigo que permeiam as percepções adquiridas pelos alunos do Ensino Fundamental, antes que o assunto seja tomado como conteúdo programático do ensino de História. Nessa trajetória, procura mensurar como as impressões familiares, impregnadas ou não do discurso religioso, a literatura, os documentários, filmes ou desenhos animados transmitem mensagens que chancelam um dado imaginário sobre a civilização egípcia.

No último capítulo, intitulado “As transformações das práticas”, são apresentados os resultados da pesquisa histórico-sociológica realizada por amostragem, cujo teor identifica os equívocos e as mensagens subliminares implícitas em filmes que tangenciam as temáticas do Egito Antigo. Por essa via, conclui que produções cinematográficas dessa natureza acabam por cristalizar visões mitificadas da História. Mas, na contracorrente da utilização dessas produções como meras ilustrações ou simples “instrumentos” didático-pedagógicos, a autora as toma como ponto de partida para mitigar os efeitos da “Egiptomania” entre os estudantes e fomentar o espírito crítico entre eles.

A despeito da abrangente pesquisa realizada em várias escolas do Sul e Sudeste do Brasil, o planejamento minucioso dos questionários aplicados no decorrer da investigação desvenda percepções diferenciadas entre meninas e meninos. Sobretudo, no que tange as conjunturas, valores e conceitos não raro apreendidos por eles de maneira distorcida por meio de diversas mídias. Nesse sentido, a metodologia de ensino proposta nesse volume oferece aos professores de História (e áreas afins) o mapeamento da relação entre o deslumbre que o Egito Antigo exerce sobre os estudantes e as representações que eles próprios constroem em relação à Antiguidade. Ao fazê-lo identifica as apropriações contemporâneas do tema e distintos momentos nos quais são revivificados símbolos e

mitos do Egito tomados pela sociedade ocidental como paradigmas culturais.

Por intermédio de uma linguagem acessível, tabelas, gráficos e desenhos confeccionados pelos próprios alunos que se tornaram objetos e sujeitos da pesquisa, o livro, ora resenhado, pode ser apontado como uma referência para aqueles que ousam pensar que é possível melhorar a qualidade do ensino e propor parâmetros metodológicos inovadores para as práticas pedagógicas em distintas áreas do conhecimento. Talvez, esse aspecto encerre a excelência de “Imagens do Egito Antigo: um estudo de representações históricas”, pois este constitui um convite a outras leituras da História, mas implica em uma tomada de posição frente ao ensino e a aprendizagem.